

Cartografias de si: a partir do livro de artista *One Week* (2011) de Isabel Baraona

Cartographies of itself: from One Week (2011) by Isabel Baraona

JOANA GANILHO HENRIQUES MARQUES*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014.

*Portugal, artista plástica. Investigadora nas áreas de museologia, artes e cultura contemporânea; consultora de educação artística. Habilitações: Licenciatura em Artes Plásticas pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR); Mestrado em Educação Artística pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

AFLIAÇÃO: artista e investigadora independente. E-mail: joanahmarques@gmail.com

Resumo: Tomando como objecto de análise o livro de artista “One Week” (2011), de Isabel Baraona, procuraremos explorar os diálogos estabelecidos com o filme homónimo que o inspirou, contextualizando-o na obra da autora. Faremos ainda uma breve problematização a partir de um elemento central, a casa, e dos conceitos de habitar que lhe estão subjacentes.

Palavras chave: One Week / Isabel Baraona / Buster Keaton / casa / habitar.

Abstract: Taking the book “One Week” (Isabel Baraona-2011) as the object of analysis, will try to explore the dialogues established with the name-sake moovie that it inspired, contextualizing it in the work of the author. We will also have some questioning, starting from a central element, the House/Home, and the concepts of dwelling that are underlined.

Keywords: One Week / Isabel Baraona / Buster Keaton / house / dwell.

Introdução

Isabel Baraona (1974, Cascais) é artista plástica, licenciada em Pintura pela La Cambre e docente na ESAD.CR. O seu trabalho desenvolve-se sobretudo à volta do desenho que com frequência materializa em livros de artista.

One Week (2011) de Isabel Baraona, editado pela Ao Norte na coleção "o filme da minha vida", nasceu a partir de uma interpretação idiossincrática do filme "One Week" (1920) de Buster Keaton. O filme relata a construção de uma casa "faça-você-mesmo" por parte de um casal recém-casado. A casa apresenta-se em caixas numeradas que, por intervenção de um terceiro personagem, são renumeradas. A narrativa é então construída à volta da luta do casal para montar esta impossível casa segundo uma lógica adulterada: a porta de entrada no primeiro andar, o telhado de lado, o lavatório do lado de fora da parede da casa, degraus que não começam no chão. Esta edificação é fatalmente marcada por uma série de eventos que vão determinar a sua destruição; ainda assim, o casal mantém-se unido.

Procuraremos neste artigo evidenciar os diálogos entre o livro e o filme que o inspirou, contextualizando o primeiro no corpo de obras da autora. Procederemos ainda a uma breve problematização a partir de um elemento central nesta obra, a casa, e dos conceitos de *habitar* que lhe estão subjacentes.

Cartografias de si

Ainda que não seja ilustrativo, "One Week" de Isabel Baraona nasce de uma estreita ligação com a obra de Keaton. Não existem decalques das cenas do filme mas apropriações, assim como referências directas ao nível narrativo e gráfico; no entanto a trama foi recriada de forma a permitir explorações próprias. Trata-se de um exercício de diálogo com o mundo a partir da aproximação a um outro, um artista e a sua obra. A artista utiliza a metáfora presente no filme para problematizar questões interiores, o que se traduz no exercício de procurar em Keaton aquilo que lhe diz respeito, aquilo em que a obra lhe toca e cruzá-la com outras referências e questões que são muitas vezes transversais ao corpo de trabalho já produzido.

O resultado foi um livro, monocromático como o filme, de quinze por dez centímetros com 34 páginas desenhadas, que se inicia com um (auto)retrato — a apresentação da personagem feminina (Figura 1). A sua narrativa pode ser decomposta em: 1) introdução das personagens — marcada essencialmente pelos retratos das personagens, do casal e dos sonhos; 2) a confusão — corresponde ao período da montagem da casa que é também a montagem da vida em comum. É um período de questionamento e angústias em que as coisas não têm ainda os

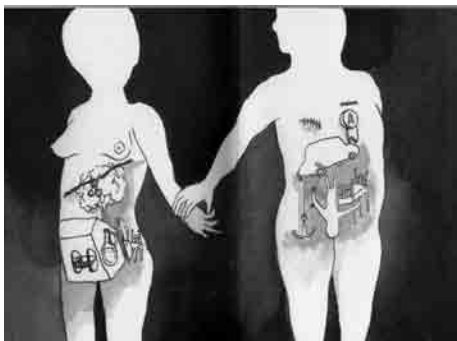


Figura 1 · One Week (2011) de Isabel Baraona, página 1. Fonte: One Week.

Figura 2 · One Week (2011) de Isabel Baraona, página 22. Fonte: One Week.

Figura 3 · One Week (2011) de Isabel Baraona, página 8-9. Fonte: One Week.

seus sítios; 3) inauguração (*welcome*) — a apresentação; 4) a casa estranha — disfuncional, desfigurada; 5) a separação (*could you come home?*) — existe um momento de separação que nunca é referido nem intuído no filme; 6) a tempestade — que determina a transformação da casa; 7) a promessa — o fim da narrativa, que é também um novo começo — a casa sobrevive, transforma-se, e inicia um novo caminho, comum.

A questão do formato aqui é essencial: o livro é um objecto de proximidade porque o podemos tocar, manusear, transportar, porque nos permite abrimo-nos a novos mundos; é um objecto que veicula em si algum grau de intimidade — um tema recorrente nas obras de Baraona. Por outro lado este formato é o meio por excelência para contar histórias — e são histórias desenhadas as obras de Baraona.

Estas obras são frequentemente impulsionadas pela leitura de diversos textos, mitológicos, contos infantis, bíblicos ou, neste caso, um filme, da qual a artista recolhe sugestões, impressões que, através de evocação ou apropriação, são transformados em fábulas pessoais. São obras com um forte carácter narrativo que a artista explora em toda a sua potencialidade e onde o modo de construção da narrativa é tão importante quanto o conteúdo. Toda a linguagem, e também o desenho enquanto tal, “é uma ferramenta de substituição que visa preservar uma memória, ciclicamente alterada no (e com o) contínuo passar do tempo” (Baraona, 2009: 111). Assim, o imediatismo quase instantâneo associado ao desenho, que surge sem esboço como resposta a uma leitura, permite estruturar o pensamento no gesto e é a rapidez que clarifica as ideias. É, como diz a autora, como se o papel devolvesse o gesto correspondente à imagem, ou seja, devolvesse a dose de violência exercido sobre si; é como se o suporte já contivesse o desenho que, arqueologicamente, deve ser trazido à superfície (Viana, 2012).

Isabel Baraona apresenta-nos uma obra sobre a difícil construção da relação íntima entre duas pessoas, sobre a dificuldade do desejo pelo outro, não na forma de poder e dominação mas na forma de uma procura conjunta. Através da metáfora da *casa estranha* (Figura 2) — que se torna, em última análise, inabitável — a artista reflecte sobre os modelos e as expectativas sociais em relação à mulher, à família, às relações pessoais e aos papéis tradicionalmente atribuídos a cada género. Trata-se de um exercício de profundo questionamento, sem censura, destes modelos que são abordados através de arquétipos: a mulher cujo contorno inclui os sapatos de salto-alto, a saia que define a sua condição feminina, a atribuição do espaço da acção e do mérito ao homem (o carro, a âncora, a medalha), deixando à mulher o espaço doméstico (agulha e linha, a faca, a forma da casa), onde predomina a passividade (Figura 3). Mas está também

presente uma reflexão sobre as expectativas emocionais e materiais associadas ao “ser casal”: estar apaixonado, constituir família, ter um carro, ter uma casa. A estas exigências a artista responde com uma dualidade cómica-trágica sem moralidade: o objectivo final é sobreviver à *tempestade simbólica* — ou, no caso de *One Week* (2011), à metamorfose veiculada pelo e com o outro sobre a forma de amor/desejo para o qual é preciso construir e percorrer um caminho próprio, íntimo, singular.

Mas este livro permite também uma abordagem particular a um elemento já trabalhado pela artista noutras séries mas ocupa aqui um papel central e adquire uma dimensão que se diferencia da de Keaton: o elemento casa.

Bachelard apresenta-nos a casa como o espaço por excelência de criação de raízes do homem no mundo, um espaço vital para a integração de pensamentos, memórias e sonhos — é também a casa que “mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida” (Bachelard, 1993: 26).

A casa de Baraona não foi, como a de Keaton, sabotada; ela foi construída com esforço mas não serve, literalmente, ao casal — é como uns sapatos demasiado largos. Mais do que estranha esta é também uma *casa estrangeira (de e a si)*. Os personagens esforçam-se por corresponder à expectativa, por seguir a regra: montaram a casa, fizeram a inauguração, mas depois veio a tempestade. Eles não encaixam no modelo que lhes é imposto — porque não querem, não lhes faz sentido, ou porque a sua natureza não lhes permite. E é por isso que a casa que a casa lhes é estrangeira, é-lhes estranha no interior de si próprios.

Assistimos assim a uma desconstrução face aos modelos sociais, que são encarados como não sendo mais do que indicações genéricas sobre o que é expectável de cada um. É preciso escapar a esse primeiro modelo que não deve ser, de modo algum, o objectivo final: é preciso individualizá-lo, cosê-lo à pele, torna-lo interno. Este é o processo a que assistimos em *One Week* (Baraona, 2011): no fim aquela casa já não existe mas ainda assim sobrevive; ela é já outra, e o casal segue estrada fora à procura de si e da casa que se vai fazendo à sua medida.

É também já desta metamorfose que fala a artista no início do livro: as caixas têm já a forma de casa — uma sombra, um contorno, um corpo aparente. Durante todo o livro, e nas várias representações ao longo da obra de Isabel Baraona, são sempre abertas estas casas; há uma transparência que é transversal a estas representações, seja na sua não opacidade ou na estrutura que se apresenta incompleta para nos permitir contemplar parte do seu interior. É uma casa que reflecte as personagens que a habitam: a configuração dos corpos, os arquitectónicos e os humanos, são modelados a partir da subjectividade interna dos personagens (Figura 4). Assim, a casa é, na obra de Isabel Baraona, um duplo do corpo ou o seu reflexo interior — está por isso a si subjacente uma dualidade no conceito adjacente ao elemento

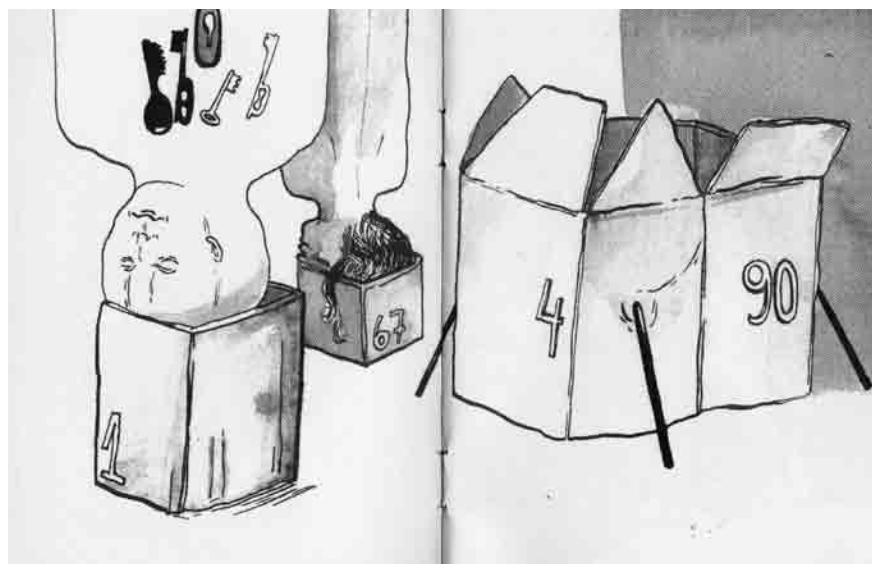


Figura 4 · One Week (2011) de Isabel Baraona, página 14-15. Fonte: One Week.

casa, o habitar: é a alma que habita o corpo e o corpo que procura habitar a casa.

Habitar é o traço fundamental do Ser-Homem: o Homem é à medida que habita (Heidegger, 2001). Heidegger identifica a origem da palavra habitar em *Bauan* (construir) e indica-nos 3 premissas para este conceito: a) construir é propriamente habitar; b) habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; no sentido de habitar, construir desdobra-se em dois sentidos — *colere*, referente ao cultivo e crescimento (de onde virá depois a palavra Cultura) e *aedificare*, referente à edificação de construções. Heidegger (2001) diz-nos também que não habitamos porque construímos, mas construímos porque e à medida que habitamos; habitar é assim demorar-se junto das coisas; é permanecer.

Encontramos nas casas de Isabel Baraona este habitar que está intimamente ligado ao construir. As suas casas estão sempre em construção: representativamente — são por natureza inacabadas — mas também simbolicamente, na construção de um percurso, e concretamente na construção do seu próprio pensamento). Elas são tributárias das premissas base do habitar: cultura e edificação. E é este seu estado de permanente impermanência, de (re)construção, de transparência, de metamorfose, que nos permite esta intuição.

Conclusão

A casa é o cenário do primeiro amor e do primeiro drama; é o lugar de todos os segredos e das primeiras relações afectivas. É um espaço físico concreto, delimitado, ordenado por afectos e lógicas que criamos com os objectos e os outros neste espaço; a casa é o nosso mapa habitado. Assim, habitar a casa, é também buscar a aderência às imagens dos nossos [íntimos] itinerários espaciais (Bachelard, 2008). É por meio destas imagens que a casa cumpre uma função integradora de pensamentos, sonhos e lembranças: na obra de Baraona a casa não só cumpre como problematiza esta mesma função. Estas casas são ainda lugares iniciáticos que instruem sobre o mundo e a sobrevivência e permitem dizer, como dizia Bachelard (1993: 62): “contra tudo e contra todos serei um habitante do mundo, apesar do mundo”.

One Week (2011) é mais um testemunho de uma procura incessante por um registo, um mapeamento ou *cartografia* de si — dos seus lugares, das suas referências, dúvidas, afetos, angústias, vivências — onde o desenho se apresenta como um instrumento de (auto)esclarecimento, de lucidez. Inserido numa linha de pensamento própria e constante na obra da artista, onde a autorrepresentação é um tema transversal, este livro veicula questões relacionadas com a intimidade e o universo feminino. Juntas as séries de desenhos e os livros de Isabel Baraona formam o corpo de uma autobiografia ficcionada.

Referências

- Bachelard, Gaston (1993). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 8533602340
- Bachelard, Gaston (2008). *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 9788533624184
- Baraona, Isabel (2009) *Autor de um mundo, autor de si*, Cadernos PAR — Pensar a Representação, número 4. ISSN 1647-2063
- Baraona, Isabel (2011) *One Week*. Viana do Castelo: Ao Norte.
- ISBN 9189899750401
- Cardoso, Catarina Figueiredo (2011). *A Woman's World: the Artist's Books of Isabel Baraona*, The Journal of Artists' Books, N. 30 (USA)
- Heidegger, Martin (2001) *Construir, habitar, pensar*, Ensaios e Conferências, Petrópolis: Vozes Editora.
- Keaton, Buster (1920) *One Week* [filme]. Produção Metro Picture Corporation, duração 19'
- Viana, Carlos Eduardo (2011) *Isabel Baraona* [Registo Vídeo]. Produção Ao Norte, duração 21'34.